



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 266 • PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES



Quem hoje passar na freguesia de Rans, não pode deixar de ver. Mais aprecia quem souber onde e como viviam seus actuais habitantes. Mais se deleita quem for capaz de compreender e conversar com o próprio Deus, a este respeito.

A semana da Páscoa deste ano, foi assinalada com a entrega de dez novas residências. Três na vila de Águeda. Uma na freguesia de Lagares. Seis na de Rans, ambas do concelho de Penafiel.

O Pároco de Águeda quis a minha presença ou a de um dos nossos rapazes, para entregar as chaves. *Mande um filho; será nosso hospede de honra.* Nunca fiquei com a boca tão doce por um tão delicioso e simples convite. Isto junto à alegria incomensurável das famílias contempladas, dá formas gigantescas à Obra do Património. A proprietária da casa de Lagares, entrou para ela na segunda feira de Páscoa à hora em que o senhor abade estava com a Cruz. Ela entra, ajoelha no sobrado, põe as mãos e recebe a visita pascal. Ali era um penedo. Quebrou-se em pedaços. Surgiu esta e mais outra. Hoje são hortas e flores e árvores de fruta e vinho. O tempo dos milagres ainda não acabou!

Agora estamos em Rans. As seis casas, como as de Lagares, são na berma. Quem vai pela estrada chega-lhes com a mão. Elas pregam...! Também os seus novos residentes, receberam a Cruz, mal entraram. Tudo fora previamente combinado. O senhor padre doutor Avelino Soares presidiu. O Pároco estava presente. As seis chaves com o número de cada moradia, vieram dentro de uma salva de prata. O chefe de família toma a que lhe pertence e abre a sua porta. Domingo de Páscoa. Concurso de povo. São quatro da tarde. Ao abrir da primeira e antes que a família entrasse, padre Avelino vira-se para a multidão, faz pausa e exclama: *Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo.* Não sei

como isto caiu no peito daquela gente. Para muitos Jesus Cristo é um nome. Eu porém fiquei cheio. São os momentos de compensação que o Senhor Deus manda, para assim calcarmos a terra sem pisar os pés. Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Pois quem? Por quem? Para quem este movimento do Património dos Pobres? Se já antes era amigo, agora muito mais sou, do Avelino Soares. Fomos assim entrando em cada uma delas. Senhor Abade dá a Cruz a beijar. Chegados à última, tudo eram mãos postas e foi nesta atitude que o mesmo padre, cara à multidão, recita *Pai nosso que estais no céu.* Eis aqui! Não é preciso nem convém à obra outra sorte de cerimónias. Quem tiver destas casas para entregar leia por aqui. *Sancta sancte.*

O próximo bairro de Miragaia, leva-me ao Porto quase todos os dias. Andam ali 60 trabalhadores. Os materiais não faltam. Eu vou. Olho. Fixo o andamento. De regresso e enquanto ali não torno, como e durmo e bebo e sonho o próximo bairro de Miragaia. Penso. Vejo sem aparelhos de televisão. Vejo os trolhas e os tejos e os pedreiros e ferreiros. Os rapazes da cal, tudo, todos. Vejo ao lado, num terreno semelhante, um mundo de barracas encostadas aos socalcos... Um mundo aparte. Pretendemos que não sejam, sim, mas eles são nossos. Tudo isto eu noto. Em tudo penso. É um perfeito rejuvenescer. É o nosso Bom Deus que dá esta mocidade e faz gerar na dor.

Aqueles meus colegas de longe com quem estava comprometido, não desanimem. Eu lá irei. Agora tenho oitocentos contos sobre os meus ombros. Contava ser apenas

DOCTRINA

Aqui há tempos, recebemos uma extensa carta das Universitárias de Lisboa, aonde se pedia de como proceder à construção de casas para uso de Indigentes. É preciso restringir. Ao falar de «casas para pobres», imediatamente se entende casas de renda barata. É assim que vários Organismos fazem. O inédito, porém, da Obra do Património, está em fazer e entregar sem pagamento de renda. É aqui.

Mas continuemos. A carta de Lisboa, não traz nome. Termina: «As Universitárias de Lisboa». Não sabemos quantas. Não sabemos quais. São elas todas.

Aqui há tempos, igualmente, recebemos carta análoga das «Marias de Portugal». Termina «Uma Maria». Elas pretendem erguer uma casa do «Património» em cada diocese de Portugal, começando pela do Porto e dentro desta, Miragaia. São um nadinha mais extensas as Marias, mas a virtude de esconder o nome, ressalta em cada uma das cartas. Ora é precisamente a este capítulo que eu desejo chegar e demorar um bocadinho com os nossos leitores.

As Universitárias de Lisboa, não têm nome. Se o têm, não o dão. Se lho pedem, escondem-no. Resultado? Vão fazer ou arranjar meios com que outros façam muitas casas para muitos Indigentes por aí além. Ninguém duvide um instante. O selo das grandes obras é isto mesmo: não se saber quem ou como elas foram realizadas. Se nela se mete o bicho homem ou

a bicha mulher com seus nomes e predicados, é certo que a obra não vai e se começa, não perdura. Nada que mais impeça do que o «pessoalismo». O verdadeiro realizador é um ausente. Naquela carta das *Universitárias*, eram todas ausentes. Não vi lá nenhuma e contudo, estava o sangue de todas. Quem escreveu? Quem falou? A quem o mérito? Ausência! Como o nosso Bom Deus não há-de gostar e abençoar e dirigir, como! A publicidade querida e procurada é o real estorvo. Agita, sim, mas não fecunda. Saibamos todos de uma vez para sempre o segredo destas obras de Caridade: *É preciso que um morra.* Eis.

As *Marias*, dão outra valiosa lição; querem construir uma casa em cada diocese. São católicas. Não chamam nem pugnam pela sua diocesezinha. Vão directamente ao universal. Querem uma em cada uma. Vamos ter casas. Nem elas sabem o alcance destas ideias formosas, porque cristãs. Simples porque eternas. E andam perdidas! Ia-se para o particular. *A obrinha!* Hoje não. Não senhor. São as *Marias*. São as *Universitárias*. Ainda há beleza no mundo.

«O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora
Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

um auxiliar e eis que me vejo patrão. Sou eu. Antes do fim do ano

teremos este caso arrumado e depois vamos aos outros. Confiança.



Aqui Porto. A entrada é de gatas. Dentro vivem oito seres, um dos quais está à vista. Não fala. Não anda. Tem 18 meses. Oxalá o hospital Maria Pia não mude nunca de sítio, nem de nome, nem de Directores, nem de Mesa. Ali há braços abertos a qualquer hora do dia. Não nos pedem dinheiro, nem enxoval, nem atestados. Eu sou testemunha.



Dos princípios de Março a fins de Abril recebemos: Os costumados 50\$00 mensais para um pobre da Conferência, de Coimbra; o conimbricense do Porto está também em dia; e das Caldas da Rainha há também quem mande sempre para as Conferências de Coimbra e Miranda.

Um pneu usado e cinquenta e agora outro, de Coimbra; passei pelos Hospitais e trouxe roupas e 270\$00. Outras vezes vou e deixo. É sempre a mesma medida. Deus nunca se deixa vencer em generosidade. Um estudante universitário que foi ao Lar comprar os nossos livros e deixou 150\$00 a mais; um vale de 125\$00 duma promessa do Caramulo; cinquenta para escovas de dentes a um vendedor; 200\$00 de visitantes de Cantanhede; uma camisola de lã que deixavam há um ano no Bazar do Porto e agora foi para nós.

De Mira 300\$00 por alma dum irmão; 100\$00 à mão, também lá; 50\$00 do mesmo modo e no mesmo sítio; 20\$00 num envelope logo ao pé. Visitantes de Coimbra com escovas de dentes e lenços e 20\$00 e muitas coisas mais que estamos sempre a receber. Quatro tileiras dum viveirista da Lousã. Que bela selecção e boas qualidades que aquele homem lá tem!... É a sua paixão.

Cinquenta por alma da mãe para a viúva dos 8 filhos; o mesmo numa garagem dum meu conterrâneo donde vem a lã para alguém fazer camisolas e puloveres para nós; o mesmo no Porfrio Delgado, 200\$00 de Coimbra de quem os quer dar todos os meses; 50\$00 em vale do Caramulo; um Senhor Professor da nossa Universidade que veio cá com a Senhora entregar 400\$00; vinte duma figueirense; um Senhor do Porto manda-nos 200\$00 pelo agente dum Banco daqui. 240\$00 de anónimo dos Casais. É quem costuma dar todos os meses e agora vai começar a deixar no Castelo da Sofia. Muito bem.

Cinquenta do Snr. Dr. da Figueira e no domingo seguinte o mesmo para as amêndoas. Estes Senhores espantam-nos e encorajam-nos. Cem à mão dum dos da primeira hora; cinquenta no Lar; roupas da Figueira a um vendedor; uma gabardine de Cantanhede a um vendedor; 300\$00 anuais de Oliveira do Hospital; 200\$00 dum Clube de Coimbra; 100\$00 duma Senhora de Coimbra que faz assim pela Páscoa e pelo Natal; laranjas e vinho da Lentisqueira; 20\$00 duma promessa a S. Brás; 130\$00 em vale, de Coimbra; 370\$00 de visitantes de Tomar. E por agora mais nada.

Padre Horácio

Desta vez não levei companhia. Tinha posto aquelas horas no meu programa e agora ia executar, munido de dinheiro. Não é por causa dele que ali vamos, mas a verdade é que sem ele pouco poderíamos fazer. Porquê? Por causa da mistura e composição humana. Homem total. Corpo e alma. Primeiramente o corpo. As feridas. A doença. As necessidades que estão à vista. É justamente por causa destas verdades que nunca por ali vamos sem previamente encher a carteira.

Inteirado do número da porta, começo a subir. Em regra, nestas zonas, é pela loja que se sobe. É uma taberna; iscas, garrafas, pipas, mulheres. O sublocatário do prédio, fornece os seus inquilinos, dos quais cobra rendas espantosas. Isto é no Porto. Começo a subir. Tudo é caruncho. Negrumo. Tristeza. Não há ali caibro nem prego que não seja daquele tempo. Tudo ali é condenável. Enquanto vou suando abrem-se portas de todos os cubículos, em todos os andares. Em primeiro lugar é a baforada. Esta não se explica. Não se define. Sente-se. Felizes os que a choram! A seguir são as queixas. Desabafos calmos. Nunca ouvi um desespero. Bendito seja Deus nos seus pobres! Neste caso e neste prédio, era uma cancerosa a quem nos dirigiamos. Os seus gemidos faziam eco. A ferida é interior, mas conhece-se por fora. Habita um espaço tão pequenino que com a cama fica cheio! O marido apareceu durante a minha visita. Traz um saco na mão. Faz carretos. Tem de ganhar todos os dias pelo menos cinco escudos para dar em baixo, ao taberneiro. Durante o dia e sempre que pode, vem ao pé da doente, sua mulher, chegar qualquer coisa e ajeitar; e

à noite estende no chão o saco dos fretes e dorme! Aqui é terra de Martires, de Heróis e de Santos. Nós outros somos plebeus. A doente está no fim. Os ossos podem-se contar. Sobre a mesa de cabeceira deixo ficar pastilhas de *saridon*. Ela quer estar limpa, mas não tem roupa suficiente. Mostra farrapos cansados enquanto me pede *uma roupinha para me molhar*. Nestas zonas de miséria até o pedir é diferente. Em qualquer outro sítio e iguais circunstâncias, ter-se-ia dito *enxugar*. Ela não. Ela diz *para me molhar*.

Casaram-se há pouco tempo ali no leito e no cubículo. Foi com expressão mui alegre que a doente me deu nota, marido ao pé: *confessei-me*, disse. Mais alegria no seu semblante. O espírito vivifica.

Despeço-me dos dois até breve. Nos andares superiores espera-se por mim. Não há quarto sem doentes! São tuberculosos cheios de filhos pequeninos... Que grande responsabilidade! Se por sanatório se entende uma casa muito grande com muitas portas e janelas e dentro desta muitos quartos e dentro destes muitos doentes pulmonares; se desta forma, digo, associamos ideias, eu declaro que a Escarpa do Barredo é o grande sanatório do Porto—esquecido!

Ecoss do Atlântico ♦ Por Padre Elias

De novo e inexperiente que eu sou, julgava que para alguém fazer o bem a mãos cheias, não teria de correr papéis, mas enganei-me. Por tudo e por nada tenho de me embulhar em papel, esperar a minha vez na repartição e uma boa parte das esmolas que os Pobres me dão para os Pobres, fica nas papelarias e nas casas dos valores selados. Ele é por tudo e por nada. A gente cansa-se e aborrece-se, não tanto por causa do dinheiro que se perde, como do tempo que se gasta. A culpa não é de ninguém. São leis.

Eu tinha que seria mais útil, mais fácil e muitíssimo mais Evangélico, que eles ao menos fechassem os olhos, para nós abrímos outros olhos que precisam de luz.

Trabalhamos com os indesejáveis que muitos empurram e ninguém ajuda. Tentamos que eles conquistem o lugar que perderam na sociedade; ensinamos-lhes religião e patriotismo; damos trabalho brio, interesse e amor; andamos a tonificar a alma do país, lutando contra doutrinas revolucionárias e anarquistas, pondo em seguro muitos cofres e cabeças.

Entendem mas não ajudam. Vêm mas não querem fechar os olhos. A culpa não é de ninguém. São leis. É um homem às vezes tem a tentação de cruzar os braços, deitar-se a amealhar para a velhice, como os outros, e deixar correr o barquinho. Sim. Um homem por vezes quase que desanima, mas os garotos prendem-nos, e dão-nos coragem para dizer coisas duras e prosseguirmos.

Eles têm fome e em casa não

há Pão. Pedem luz e as velas estão às escuras. São doentes de alma e do corpo e o sacerdote é médico. É isto que nos dá força na hora da tentação.

Que nos não ajudem, lá vai. Isso é com eles. Que metam pedras no caminho de quem anda a trabalhar de graça para o bem de todos, é imperdoável.

Não sei porque a gente esquece-se muita vez, que depois de trinta e três anos de bem fazer, Cristo foi arrastado aos tribunais, acusado de sublevar o povo, flagelado e conduzido à morte.

Eu cá não me devia esquecer, quando também me chamam nomes.

É por isso que eu já estou a dar andamento à Nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Quero revolucionar mas com as armas que o Mundo não conhece por isso as combate. As armas do amor.

Os meus Rapazes, ontem vândios das ruas, repelentes e repellidos, vão sair semanalmente da sua Casa a incendiar o mundo. Eles são incendiários.

Até aqui, todo o dinheiro que os visitantes lhes davam, eles vinham entregá-lo à noite ao escritório, discutindo quem tinha recebido mais. Agora não. Tudo quanto apanham, tudo metem na Caixa dos Pobres da Nossa Conferência.

Não lhes digo nada. Espreito-os de longe, vejo a alegria, e fico também alegre. Eis aqui uma revolução à nossa moda.

A primeira saída, rumo aos Pobres, está marcado para o próximo domingo da Ressurreição. «Vai dizer aos meus irmãos que

UMA CARTINHA

Esta é a voz de 400 Rapazes a chamar por um pastor. Há dez anos que esperamos. Um padre espiritual, que vá por todas as casas, sem residência em nenhuma. Quando chegará a hora?

«Em princípio quando me designou para eu vir para o Porto, não tardaram poucos dias que eu não lhe escrevesse uma carta, esclarecendo quais eram as minhas dificuldades de alma; seguidamente recebi resposta. Lendo os conselhos, meditei particularmente e continuei empregado na Invicta. Segue-se que a recebida carta me deu força para aguentar até hoje, não sabendo o Pai Américo o que eu tenho lutado e venço inúmeras vezes as tentações, que doravante me surgem. Enquanto se vive numa aldeia, nunca um jovem tem tantas tentações, como numa cidade pelas porcaria que nela existem. Por muito bons que sejamos, temos sempre as nossas faltas, ainda que sejam muito pequeninas. As explicações do Snr. Padre Edgar são úteis para o nosso maior amparo. Os seus conselhos narrados, é o remédio para a nossa alma. Foi um auxiliar, que o Snr. Bispo do Porto nos cedeu. A vida de liberdade, não é muito aconselhável, pois se procurarmos evitar a liberdade é um dos meios úteis para a nossa alma, pois não entrariam tão fácil os maus pensamentos para nos arruinar na hora do nosso julgamento. Ao ser lido publicamente o «Cantinho dos Rapazes» é outro aviso que nos serve para futuro.

Manuel.»

NÓS VAMOS AO COLISEU

Numa quinta-feira, primeiro dia de Julho, à hora dos grandes espectáculos. Não queremos destoar, mantendo assim as tradições.

Os rapazes da venda chegam a casa cheios. Chefinhos. *Os senhores que em bilhetes! Olha bilhetes! Olha a loja do Mestre André!* Eles são dez e todos dizem a mesma coisa ao mesmo tempo. Se isto fosse ao palco, aí tínhamos a festa. Não era preciso mais nada.

Falando do *Património dos Pobres*, os senhores devem recordar-se do que disse o ano passado um dos oradores; *já temos terrenos e pró ano é que vai ser!* Falou uma criança. As crianças não enganam, nós é que sim. É ir a Miragaia... É ir ao Carvalhido... *Pró ano é que vai ser!*

Eu Ressuscitei. Aleluia».

Vão sair nove gaiatos da sua Casa, a ir desenterrar nove famílias, aleluia.

ISTO É A CASA DO GAIATO

A G O R A

*** Eu acho que não há nada semelhante, isto de dar tudo tão certo com elementos tão desiguais! Primeiramente são os trepos. Trepos que são degraus, por onde os aprendizes chegam às caixas de composição. Depois é o Juvelino a tirar o «famoso» confundido e escondido na massa e volume da «Planeta». Outros, noutras máquinas mais pequenas, tiram «serviços», nacos de boroa à frente; e sem ela nada feito. Há dos que estão na muda da fala. Os que já mudavam. Os que ainda não. Creio que não há semelhante.

Mas aonde eu quero chegar é aos papagaios. Papagaios de papel. Ia sendo um perigo, se eu não acudo a tempo. Foi o «Papagaio» quem acendeu. «Papagaio» o vendedor de Viana, que chega a casa todas as quinzenas com pacotes debaixo do braço e cartuchos nas algibeiras e um mundo de novidades. A última foi que o senhor José Melo, em casa de quem ele, «Papagaio» come, lhe dera por manjar *uns bichitos vermelhos*, de que muito gostou. Ora muito bem. «Papagaio» armou um papagaio, discretamente. Soltou-o. Deu resultado. Cauda bem equilibrada, cores lindas, tentador. Outros viram a habilidade e trataram de fazer o mesmo.

Era na ausência do Júlio e do Avelino. Fui eu que em certo momento apareço e dou com o Juvelino e o *Coco*. O papagaio deste era coisa importante pelas suas proporções e rendilhados. Tinham as peças feitas e agora, espreitava-se o Avelino, que tem novelos de fio guardados. Ora eu apareço. Houve confiscação. Acabaram os papagaios até ver.

*** Ainda que doutra espécie, venho dar conta de outros sarihos. São as capoeiras. O *Formiga* é que toma conta; é o galinhheiro. Tudo aquilo é um brinco. São galinhas brancas. São galinhas vermelhas. São delas cucas e ainda outras amarelas. O rapaz esfrega, põe água fresca, vai por couves e erva, procura, zela. É tudo por castas; nós somos racistas... *Formiga* abre a porta de cada raça às horas que ele sabe, galo e suas galinhas, e às tantas faz recolher, para que outros grupos saiam. *Formiga* não quer misturas. Sangue puro. Ora tudo isto encanta os visitantes. Sim, que eles ainda não terminaram nem estão com cara disso. Ainda há dias esteve aqui uma grande camioneta da Caixa Textil do Porto e até libras em ouro deixaram ficar! Eles são de todas as semanas, todos os dias, todos os meses e não se enfadam. Ora as capoeiras prendem-nos. *Formiga* aparece a dar explicações. Cicerones apresentam e ontem dei fé de um negócio, que é justamente a este ponto que eu desejo chegar. Um negócio. Capoeiras limpas. Aves belas. *Formiga* não se fala. Tudo tentava. Cicerone assopra e o negócio fez-se; os senhores compraram duas galinhas! Isto só é possível aqui em casa. Não há nada semelhante no mundo inteiro. Houve uma reunião de cicerones e do galinhheiro e ficou assente que nunca mais. Mas isto tudo deixou um rastro

de galináceos. Falou-se muito naquele dia e o *Manel do Embrulho*, sem querer, revelou um grande segredo. Eu perguntava muitas vezes porque é que este ano não há pintafinhos, pois que agora é o tempo, mas ninguém falava. Era um segredo. *Manel do Embrulho* revela: na casa dos teares há peruas a chocar ovos de galinha. Revela e discute; ele trazia uma grande dúvida: se seriam pintafinhos ou perús a nascer. *Formiga* era por pintos. São ovos de galinha, dizia. *Manel do Embrulho*, por perús. São peruas a chocar.

Feita a revelação do segredo, *Manel do Embrulho* não se segura que me não airaste. Aí vem ele chave na mão; *vamos ver*. Fui. Na casa dos teares é uma peruá dentro de uma caixa. Mais uma peruá idem. Mais uma. Ainda mais outra. *Manel do Embrulho* quer retirá-las todas para eu ver como os ovos estão quentinhos, mas não deixei. Dalí fomos às capoeiras, a um sítio que lhe chamam a «maternidade» por ser reservado a pintafinhos. Também ali vi. É uma peruá com ovos de gansa. É uma galinha e mais uma e mais ainda uma, todas botadas. Se tudo vier a nascer, será ótimo. Se metade se vingar é bom.

*** Ontem, vinha Júlio Mendes de dar a encomenda dos géneros para os Pobres da Conferência: 1 litro de azeite, meio quilo de toicinho, 1 dito de arroz, uma regueifa e 100 gramas de amendoas. Eu disse *ó Júlio*, como quem acha muito. Ele responde: *temos que dar aos Pobres. Se o não fazemos, o que a gente diz não condiz*. Está certo. Muito certo.

*** Além de toda aquela pitarrada de que acima falamos, temos também uma gansa com ovos, à conta do *Formiga*. Esta gansa começou a sua postura ao ar livre, perto do telheiro e ali foi até ao terceiro ovo, com muito sossego e paz. Mas *Formiga*, quis estimar a gansa e tratou de mudar os ovos para debaixo do telheiro; a gansa não concorda e de noite vai e arrasta os ovos para o seu primitivo ninheiro. *Formiga* aceita, mas procura melhorar a situação da ave. Ele é amigo da sua obrigação. É o das capoeiras. Quem cá vier e procurar, encontra uma casota muito bem feita. Dentro dela, uma caixa. Dentro da dita, a gansa com os seus ovos. Ao pé, a servir de mesa, outro caixote de fundo para cima. Sobre a dita «mesa», vi eu ontem um prato com milho, outro com migas e ainda outro com água. Ali nada falta. Se a gansa tivesse o poder de expressão, havia de ser a propagandista número um da Casa do Gaiato, pois que a ninguém *Formiga* tem prestado maior carinho. Além do mais, ele fez isto: como as manhas têm ido frias, *Formiga* tira o seu pulover e põe-no à roda do papo da gansa. Eu sou testemunha. E agora pergunto: quem não há-de amar a vida? Quem é que se não deleita ao ler e ao saber destes cantinhos do mundo, aonde Deus é espelho e espelha, quem?

Aqui vai a Companhia Rádio Marconi. É concessionária do Estado. É um nervo da Nação. Queiram dar espaço. Largueza. São 456 empregados, e como se isto não fora de alto preço, vão também os Superiores, para maior esplendor. É o Comissário do Governo. Os membros do Conselho Fiscal. Administradores. Não ficou ninguém em casa. Duas casas; uma dos empregados e outra dos Senhores. De sorte que agora, neste *Agora*, não há pobres nem há ricos. Não há servos nem senhores. Não háãos nem doentes. Velhice ou Juventude. Pátrias. Cores. Política. Credos. Nada que afaste. Temos visto aqui passar tudo de tudo em ordem e silêncio. Mesa da Sagrada Comunhão!

A seguir a este Friso de concordância, vai uma Maria do Porto, que só tenho pena de não poder dar aqui a carta aonde a casa vinha. O chefe do Lar deu-me a notícia e mandou-me contar: Doze. Uma casa. Demos lugar à que vai só. Mais «Mariás». Imediatamente a esta do Porto, é uma do Estoril com dez contos na mão. De sorte que o próximo bairro de Miragaia aonde me empenhei, leva jeitos de obra nacional. Melhor. São oitocentos contos.

Os senhores agora queiram ter o incómodo de ficar de pé caladinhos, enquanto passa um Tripeiro. Leva dinheiro na mão e pede a palavra. Atenção:

«Como muitas dezenas de milhares de pessoas, cada vez que leio «O Gaiato» me emocionou e comovo. E penso. Penso na sorte do Pobre. Na sua miséria. E principalmente, na sua falta de esperança no futuro. Este facto parece-me mesmo o mais trágico.

Tudo isto a propósito do artigo que acabo de ler e que se intitula «Pobres», aparecido no nº. 264.

Eu estou a tirar-lhe tempo. Sr. Padre Américo, nas não me posso impedir de desabafar. No pensamento baila-me sempre aquele facto inacreditável que uma vez li no Gaiato: que no Barredo e zonas análogas o custo diário dum quarto é de 7\$50! 225\$00 por mês! Como pode ser permitido tal roubo? Este facto é para mim incompreensível. Não há dúvida que os barredos e as «ilhas» têm de acabar. Mas como? Como já o afirmou um Deputado na Assembleia Nacional, os recursos financeiros que a Câmara tem para tal fim só permitem um ritmo de construção muito lento. E tão lento que o problema só estará resolvido depois do ano de 2.000!

Aparentemente resolvido, pois a situação ir-se-á agravando com o decorrer do tempo.

E admiram-se certas pessoas com a descristianização das massas proletárias. O contrário é que causaria espanto. Pois se o Sr. Cardeal Patriarca exclamou, como se vê no Gaiato: «como poderemos nós exigir virtude a quem vive nestas condições?»

Esta campanha do «Património dos Pobres» é por isso dum actualidade flagrante. Diria mesmo que é de inspiração divina. Mas creio que sem um auxílio eficaz (e não simbólico) das Entidades Oficiais, poderemos, quando mui-

to, impedir a situação agravar-se. O caso que mais me interessa é o do Porto, onde nasci e onde vivo. O problema é angustioso. A solução tem de ser equivalente. Precisávamos dum Campanha, dum grande Campanha. Interessar nela toda a População, todo o Comércio, toda a Indústria. Mostrar bem a miséria que existe, porque estou convencido que grande parte dos casos de indiferença resultam do desconhecimento da angustiosa situação. Lançar taxas sobre os espectáculos públicos, o futebol, o cinema, o teatro. Emitir selos, postais, qualquer coisa. O essencial era começar-se. E paralelamente, a Campanha do Património dos Pobres.

O certo é que os barredos, são um atentado contra o nosso bairrismo de Portuenses, a nossa di-

(Continua na quarta página)

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Se o fraco poder de compra das populações rurais é um problema que preocupa os governantes, não menos importante é, também, a assistência na doença, aos trabalhadores do campo. Ainda que sub-alimentado, com saúde, o jornaleiro bem sustenta o barco. Vegeta, é certo. Mas, imobilizado por doença — oh tragédia! — derroca da fatal.

Diariamente assistimos à morte lenta desta classe de gente. O nosso coração de vicentinos tenta reagir, mas o problema é tão grave, tamanho e tão complexo, que requiere não simples paliativos ocasionais, mas uma acção eficaz e duradoura, por parte de todos.

Em horas de aflicção qual o jornaleiro, a trabalhar de sol a sol com jornas minguadas, quantas vezes para sustento dum prole numerosíssima — nem tão pouco beneficiado por um subsídio de família — que se dá ao luxo de ir à botica aviar receitas? E daí o constante *assime-me esta receita*. Não podemos; temos déficit. *Só esta, eu não venho cá mais*. Dias passados... *Só mais esta, por alminha de quem lá tem*. Conclusão: somos a única esperança e não devíamos ser.

No dia em que todos os trabalhadores rurais tenham garantidos benefícios de previdência e assistência, que passo de gigante para a saúde da raça e engrandecimento do nosso querido Portugal!

—Alda de Castro Campino 20\$00. Maria José, de Coimbra, 50\$00. Lídia Cabeço, de Lisboa, 100\$00. Amélia Peres, do Porto, 20\$00. Assinante 15.626, de Coimbra, 20\$00. Idem 12.402, de Oliveira de Azemeis, 10\$00. Hortense Machado, de Lisboa, 50\$00. Da cidade do Porto, um anónimo, com 10\$00. Cantanhede 200\$00, *duma promessa que fiz a Nossa Senhora Um peccador*. Espinho 20\$00. Mais Espinho 100\$00. Maria Tereza Martins Passarinho 10\$00. Assinante 11.854, de Moimenta da Beira, 10\$00. A todos muito e muito obrigado. Deus lhes pague.

Júlio Mendes

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Mais uma Páscoa se passou. Foi cheia de alegria. Como não podia deixar de ser, foi a senhora D. Ana Pinto da Silva que nos serviu o almoço, juntamente com o senhor Albino, seu esposo. As amendoadas eram grandes e em abundância. As tradicionais trocas não faltaram e com elas algum molho, mas sem consequências nenhuma, pois os intervenientes são todos pequenos. Também houve no nosso excelente salão de festas um espectáculo organizado pelo nosso Grupo Cénico, sob a direcção do mestre de canto, Sejaquim, que fez levar à cena: a capoeira, número cheio de cor e alegria; Auto do Bom Pastor, os inquilinos do senhor Zacarias, as alegres canções do Alberto Ramada, etc. A meu ver, foram os melhores pela ordem seguinte: Papagaio, Machado, Candido Pereira, Augusto e Alberto Ramada. Muito obrigado a estes amigos, que nos proporcionaram uns momentos de sã alegria e ficamos esperando pela repetição que se fará na Missa Nova do senhor Engenheiro Carlos Galamba.

Também no domingo de Páscoa os nossos juniores defrontaram a primeira categoria do Lar do Porto, a quem ganhamos por 5-4. O resultado não condiz com o jogo desenvolvido pela nossa equipa, que só não marcou mais meia dúzia de golos, devido à precipitação dos nossos avançados. Os golos consentidos foram por culpa dos defesas que quiseram brincar demasiado com o nosso adversário, que assim os foi aproveitando. Os melhores elementos deles: Sinfães e Santa.

No dia 25 de Abril a nossa mesma categoria tornou a jogar. Foi com o Grupo Excursionista, Devagar se vai ao longe, de S. Mamede de Infesta. Os nossos adversários praticaram bom futebol, alcançando por isso uma vitória merecida, por três bolas a zero. Obrigado amigos pela visita e pela lição de futebol que nos deram.

Está na nossa aldeia a fazer um breve estágio o nosso amigo e colega Adriano, que se está preparando para ir para África, onde os gaiatos são muito apreciados.

O Manel do Embrulho fez mais uma das dele. Apostou a cinco escudos com o Artur que veio do Lar do Porto, como era capaz de se atirar vestido ao tanque cheio de água. Se bem o disse melhor o fez, mas desta vez ficou mal, porque além de apanhar pela medida de S. Miguel por ter molhado a roupa, não ganhou o dinheiro da aposta porque o Artur ainda não ganha.

A seguir vem o Pilba Galinhas. Este que é pedreiro, foi ao bolso de um trabalhador de fora e comeu-lhe a borra toda que lá tinha. O homem ao dar pela falta da borra, queixu-se e logo se veio a saber que tinha sido o Pilba Galinhas. Quando lhe perguntaram porque é que ele tinha comido a borra, pois ele é dos que come mais no refeitório, logo disse: *Desculpe senhor, mas eu não a queria comer toda. Isto não admira, porque ele tem os parafusos mal apertados...*

Safu o segundo fascículo da História do Futebol Clube do Porto. O seu aspecto gráfico e a maneira como o autor descreve a vida deste grande clube — baluarte do Desporto Nacional — é digna de todos os elogios.

Parabéns a Rodrigues Teles e muito particularmente a Cândido Rocha.

Quanto a jornais e revistas recebi do senhor Carlos Gomes, de S. Pedro de Penaferrim. António Carvalho, António Pena Peralta. Dum senhor da Câmara do Porto, entregues pelo vendedor do nosso jornal, Papagaio. Não podia faltar a senhora do costume, de Coimbra, que teve a amabilidade de enviar este lindo cartão de Boas-Festas que a seguir, se me dá licença, transcrevo: «Ao Pai Américo e a todos os Padres da Rua, desejo que tivessem uma Páscoa feliz e rogo ao Senhor lhes mande a graça de por muitos anos poderem continuar a tão nobre missão de transformar o joio em trigo puríssimo. Perdoais que aproveite o verso para dar as Boas-Festas ao Daniel. — Senhora do costume.»

E quanto a selos recebi: da senhora D. Margarida Maria de Albuquerque Faria, que pede o Ovo e o Barredo, no que já foi atendido. Dum anónimo de Lisboa, uma admiradora da obra de Cascais. Do senhor Monteiro de Gouveia, Rio de Janeiro. Do assinante 9.363, senhor Azeite, da Automotora de Braga. Senhora Maria José Consoado Gião, de Borba.

Daniel Borges da Silva

MIRANDA Como é a primeira vez que escrevo para «O Gaiato», quero por meio dele saudar todos os leitores. No dia 4 de Maio celebra aqui a sua segunda missa o senhor Engenheiro, futuro padre da rua. Para correspondermos à sua amabilidade para conosco celebrando aqui a sua segunda missa, andamos muito entusiasmados a fim de lhe fazermos uma festa em que ele e nós nos sintamos contentes.

Caros leitores, acabamos no dia 24 de Abril a sementeira das batatas, mas andávamos um pouco desanimados porque não vinha chuva. Mas Deus que nunca se esquece daqueles que o amam e até dos que o não amam, no dia 25 mandou-nos alguma chuva deixando-nos muito contentes. Nunca na nossa casa semeamos tanta batata como este ano. Já temos algumas muito bonitas num pedaço de terreno que antes era mato e que nós desde Setembro até agora arroteamos. Plantamos também este

ano nesse mesmo terreno e em mais algumas partes, perto de 2.000 pés de videiras.

As obras da nossa escola que por falta de meios tinham parado, já recommencaram há algum tempo e já estão bastante adiantadas. Faço votos para que os leitores se não esqueçam de nós, para que as obras não tornem a parar por causa de meios suficientes.

Estiveram aqui a passar as férias da Páscoa os estudantes do Lar de Coimbra. Já todos regressaram e nós desejamos-lhes as maiores felicidades na continuação dos estudos.

A nossa Conferência parece estar esquecida pelos leitores. Os pobres cada vez são mais e os donativos estão a diminuir. Espero que nos comecem a mandar alguma coisa.

Encontra-se em nossa casa a tia Carvalha, uma pobre velhinha da nossa Conferência que não tinha quem olhasse por ela.

Esteve de visita a esta casa uma numerosa família de Tomar. Estes senhores já conheciam todas as outras casas e disseram que não havia nenhuma tão bonita como esta. Na verdade esta casa é a mais encantadora de todas, mas é muito pouco visitada e por isso muitas pessoas não a conhecem. No fim de esta família visitar a casa, um velhinho ao ver os nossos batatas a trabalhar ficou tão comovido que começou a chorar e pronunciou estas palavras: *Não há organização no mundo como esta!*

José Crisanto

LAR DO PORTO Para não fugirmos aos bons costumes, fomos fazer a nossa descabrida à capela dos Salesianos, onde nos confessamos na quarta-feira e tomamos o Senhor na quinta de manhã. Antes esteve cá o senhor Padre Edgar a preparar-nos, quero dizer, a explicar coisas necessárias para fazermos uma confissão bem feita.

No domingo de Páscoa fomos até Paço de Sousa, onde fizemos um renhido desafio de futebol com os nossos irmãos, em que saímos derrotados por 5-4. Embora o resultado não se ajuste de como o jogo foi disputado, os nossos adversários embora desfalcados de três elementos, pertenceu-lhes as melhores jogadas do desafio, mas as de mais perigo eram as nossas. Tivemos infelicidade numa bola que bateu na trave, porque se tinha entrado era a do empate e era bem justo, pois este resultado é que estava de harmonia de como as equipas se bateram. A nossa equipa alinhou da seguinte maneira: Zé; Fernando, Santa e Hélio; Bernardino e Serafim; Norberto, Sinfães, Waldemar, Rogério e Lourenço. Os golos foram apontados por Sinfães 3 e Lourenço. No segundo tempo houve substituições, indo João Luciano ocupar a baliza, Cid para médio esquerdo e Adriano para extremo direito. Com estas modificações o nosso grupo cresceu e depois de estar a perder por 4-2 ao intervalo chegamos a 4-4; mas depois num livre de canto ardemos e no final o marcador acusou 5-4, favorável aos nossos irmãos. Ainda estivemos para levar um ramo de flores, mas como no ano passado numa igual visita à simpática aldeia nos ofereceram um ramo de couves, pensamos que neste aconteceria o mesmo e resolvemos não levar nada para oferecer...

Pela segunda vez na história deste lar recebemos no domingo de Páscoa a visita do «Compasso». Estavam presentes todos os rapazes, excepto os componentes do grupo de futebol. O senhor abade deu a cruz a beijar, saudando-nos com as palavras Aleluia Aleluia. Eis como foi passado o dia do Senhor no Lar do Gaiato do Porto.

Temos a registar algumas ofertas neste lar: uma dúzia de bolas de Ping-Pongue, 50\$00 dum senhor que todos os meses vem cá trazer. Mais 50\$00 na caixa do correio. Vinte quilos de amendoadas. Duma senhora recebemos uma cama, uma cómoda e outras coisas mais. Mais um colchão da Rua do Moreira. Um casal de gansos da Rua de Cedofeita. Para a Conferência 80\$00, um pacote de roupas e um par de sapatos, tudo da assinante 550. Do grande amigo e cliente da nossa tipografia, senhor José Marques Rego, recebemos uma dúzia de cintos. A todos, um muito obrigado.

João de Buarcos

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Meus irmãos: — Ai vão cem escudos que se destinam à nossa Conferência Vicentina, para serem distribuídos agora na festiva quadra da Páscoa. É pouco, eu sei, mas é o que suponho estar dentro das minhas limitadas posses. Já que eu não posso sentir-me rodeado, no dia de Páscoa, na presença querida dos meus familiares, desejo ao menos sentir a consolidação de procurar tornar as festas de algum irmão menos afortunado, mais felizes e mais confortáveis. Não vale a pena dizer mais uma vez que o tempo lhes deve sobejar numa época em que tereis tantos pobres a socorrer e a consolar.

Comigo fica a pena de não poder mandar uma quantia mais avultada, mas assim que eu possa e que me consiga desapegar mais da vida material, enviarei o que puder. Para vós vai a minha fraternal amizade e o desejo de que não vos faltem os recursos para socorrer a todos os pobres.

Um abraço do amigo, Eu».

Ficamos consolados ao ler esta carta, mas

Do que nós necessitamos

«O Comércio do Porto» que sempre nos entrega, religiosamente, os donativos a ele confiados, quis agora repartir connosco 4 contos, em memória do seu fecundo aniversário. Mais 100\$ de Perosinho, Da cidade da Beira, sim. Sim senhor. Temos recebido e estamos recebendo do António Augusto tudo quanto ele nos manda. Mais 261\$ de Um Casal, *aumento de ordenado, e fica a pedir a Deus a graça de um filho*. Mais o que se entrega no Depósito. Mais o que se entrega no Lar do Porto. Mais 100\$ de Lisboa. Mais uns tostõesinhos do Luabo, África, para os batatas. Mais 30\$ de Fânzeres. Mais 50\$ da rua Morais Soares, de Lisboa. Mais 100\$ da Carolina do Porto. Mais 50\$ de Lisboa. Mais da Maria de Castelo Branco, Paulo Campos da Beira, sim. Sim senhor. Aqui chega tudo. Não tenha medo e continue. A Beira é tão grande que quanto mais se lhe tira mais

tristes, imensamente tristes, por não ter acontecido conforme os desejos de quem a escreveu. Foi pela primeira vez, após tantos anos que em dia de Páscoa nada demos de esmola aos nossos pobres; mais, com tristeza e ináguo o confessamos, ela estará suspensa até que os nossos amigos e benfeitores acordem! Como foi triste esse dia e mais os que se hão-de seguir, até que nós amigos queirais. Talvez por falta de notícias da nossa Conferência os donativos foram nulos e assim, a conta na mercearia atingiu 1.740\$00 que juntamente com a soma a dever aos senhorios perfaz 2.150\$00. Por tal motivo, clamavam para nós para que lhes pagássemos. Dois pobres foram intimados a deixarem de vago suas casas, por falta do pagamento da renda. Não o consentimos porém e com o pouco dinheiro que tinhamos pagamos as respectivas rendas, pelo que ficamos depeuados. Em parte, valeu-nos o donativo deste nosso amigo de Luanda, que embora não fosse para o que desejava, foi para uma causa de maior necessidade. Que nos perdoe.

Amigos, não fazeis ideia da falta que faz o cartãozinho semanal aos nossos protegidos; não entendimos ao dizer que alguns deles abastecem-se só com a nossa esmola e ela bem pequenina é infelizmente. E por quanto tempo estarão os nossos pobres privados da sua esmola? E a cancérosa a quem damos 50\$00 por semana para que não ande ao papel, terá que voltar a andar da mesma forma? Depende de vós amigos! Que dias sombrios para eles e para nós, a quem eles acorrem lamuriantes e aos quais não podemos valer!

Esperamos que num rebate de consciência façais igual como o nosso bom amigo de Luanda, que lá longe não se esqueceu dos seus pobres e da sua Conferência (e é o de facto e de quantos a auxiliam e para ela trabalham), o qual procurou na esmola a alegria maior de comemorar a Páscoa, a Ressurreição do Senhor. Não se limita a mandar mas a prometer mais e mais, sempre que possa.

A esmola ao pobre não pode terminar, nem tampouco a nossa Conferência tende a desaparecer, pois que se tal acontecesse contrairíamos uma dívida tamanha para com os nossos queridos pobres, grave acusação no dia do Juízo Final, porque não davamos de comer ao pobre que tinha fome; de beber ao que tinha sede; de vestir ao nu e esfarrapado!

Esperamos de vós e que na próxima crónica possamos escrever. Obrigado amigos, porque me escutastes! Nossos pobres rezarão por vós, porque escutastes e ouvistes suas lamúrias, suas privações.

Ao nosso amigo de Luanda, um muito obrigado e um abraço de toda a rapaziada.

Carlos Veloso da Rocha

A venda do «Famoso»

NA MURTOSA...

Desta vez fui comer a casa do senhor Dr. João Carlos e fui muito bem recebido. Muito obrigado. A esposa deste senhor pediu-me para pôr no nosso jornal que não foi ela que me meteu na Casa do Gaiato, mas sim a Conferência de S. Vicente de Paulo da Murtosa. De facto não foi esta senhora como eu tinha dito num dos números anteriores de «O Gaiato», eu é que estava convencido de ter sido esta senhora. Ela unicamente me acompanhou ao Lar do Porto, mas não veio ao Porto por minha causa mas sim por afazeres seus, por isso aproveitei e trouxe-me para o Lar do Porto. Agradeço à Conferência de S. Vicente de Paulo da Murtosa e peço desculpa a esta senhora do erro cometido.

Também na Murtosa se vão construir casas para os nossos irmãos pobres. O primeiro a dar terreno foi o senhor Luís Tomás. Eu disse

lá fica! Mais 200\$ do Porto. Mais 500\$ de Vila Meã. Mais 60\$ duma subscrição do pessoal do Banco de Portugal, Lisboa. Mais mil. Mais 50\$ de Coimbra. Outro tanto de Envendos. Mais 50\$ de Coimbra, para a *pobre do Casal M. D.* Mais 40\$ de um assinante que acaba de pagar uma máquina a prestações; Deus o ajude. Mais 500\$ por alma de Emília. Mais Évora, dois novos. Mais 400\$ de *Um rapaz católico*, que diz assim: «como detesto dar tostões na rua, aonde é difícil distinguir os Pobres dos pedintes profissionais, ofereço o meu aumento de ordenado». Esta cartinha de ouro, bem merece um caixilho do mesmo material. Primeiramente, o rapaz católico usa maiúsculas — *Pobres* em lugar do diminutivo *piegas* — *pobresinhos*. A seguir, *detesta* o tostão nas ruas. Saibamos aproveitar a lição. Que ela nos leve a emenda.

AGORA—(Continuação da 3.ª página)

gnidade de Portugueses, e a nossa consciência de cristãos.

E para acabar, Sr. Padre Américo, uma pergunta cuja resposta muito gostaria de ver no Gaiato. Sei que se estão a fazer casas em Miragaia, e possivelmente noutras zonas ribeirinhas. Mas um ponto me atormenta: os pardieiros que os habitantes dessas novas casas vão deixar, são destruídos, ou são ocupados por outros desgraçados? Neste último caso, então é que eu digo que nunca mais teremos o problema resolvido.»

Não faço comentários. Não me quero meter em barulhos. Apenas respondo, por obrigação, à pergunta que ele faz. O recente livro «Ovo de Colombo», já diz algo a este respeito. Mas a última palavra é dos Delegados de Saúde e Câmaras. Barraca desocupada, imediatamente queimada. Não há outro caminho. E deixemos passar o *Tripeiro*.

O que ele diz está no ser de toda a gente. E também estará na acção, se e quando os dominantes forem por aí abaixo ver quantos e que tais são os quartos de 7\$50 ao dia—225\$00 por mês. Mais uma prestação de 100\$. Mais a terceira dita de mil, em nome de Nossa Senhora da Assunção. Caxias vai com 500\$. Outro tanto de Lisboa, Avenida Casal Ribeiro. E agora cautela. Vem lá fogo. É o incêndio. É o Comandante e soldados de um Posto da Guarda Nacional Republicana. Ele fala em seu nome e no dos de Lisboa e Porto e todos. Já veio a primeira prestação. Se eles quiserem, quantas casas! Vai aqui num cantinho, muito triste por só dar 300\$, o Amadeu de Milange. Mas eu cá digo-lhe que não. Que se alegre. O dinheiro não presta nem vale. O querer dar é tudo. Deus prescrua. O Pessoal da *Chenop* cá vai arrasando as pedras para a sua casa: 400\$ de Fevereiro e Março. Uma *portuense* vai com 100\$. Metade de Tondela. Disse.

ao nosso Pai Américo e ele ficou muito contente ao saber que vão ficar mais famílias pobres recolhidas. Espero que mais algum senhor tenha mais algum terreno abandonado, ao que nós muito agradecemos. Já se sabe o que se faz a esse terreno — é uma casa para o «Património dos Pobres».

Amadeu da Silva Récio